

O IMPERADOR DE TODOS OS MALES: UMA BIOGRAFIA DO CÂNCER. Mukherjee S. São Paulo: Companhia das Letras; 2012. 634 p.

ISBN: 978-85-359-2006-2

<http://dx.doi.org/10.1590/0102-311XRE010614>

O Imperador de Todos os Males: Uma Biografia do Câncer relata a biografia de um personagem inusitado: o câncer. A doença é antropomorfizada não apenas no título do livro, ela é apresentada como uma “*entidade letal*”, um ser do qual é possível traçar uma biografia. O autor afirma seu desejo de “*penetrar a mente*” do câncer, “*compreender seu comportamento*” e “*desmistificar seu psiquismo*” (p. 13). Há íntima identidade entre o câncer e aquele que o abriga, uma vez que as células cancerosas “*são versões mais perfeitas de nós mesmos*” (p. 23).

O autor da obra, Siddhartha Mukherjee, é de origem indiana e sua formação médica foi realizada nas mais conceituadas instituições dos Estados Unidos. A experiência como oncologista instigou Mukherjee a escrever um diário, uma “*visão das trincheiras do tratamento do câncer*” (p. 14), e tal projeto tomou proporções mais abrangentes. O livro é um empreendimento de peso – são 634 páginas com referências generosamente citadas em 62 páginas de notas. Engana-se quem imagina que o livro é um aborrecido tratado médico. O texto tem ares de romance e uma qualidade literária que rendeu o prêmio Pulitzer em 2011. O autor entrelaça o produto de pesquisa documental e bibliográfica de forma consistente, com relatos de casos clínicos. Seu trabalho integra tanto o desenvolvimento do conhecimento médico sobre o câncer quanto a história social, cultural e política a ele relacionada, grande parte dela situada nos Estados Unidos.

O livro é composto por seis partes, cada uma dividida em capítulos. O último capítulo consiste em uma espécie de visão panorâmica do desenvolvimento do saber e das intervenções sobre o câncer, partindo da história da rainha persa Atossa – que teve um tumor extirpado por um escravo em 440 a.C. – até os dias atuais.

Em cada parte do livro, o autor aborda determinado aspecto da história de quatro mil anos do câncer, narrado de forma não linear e descontínua. O termo genérico “câncer” nomeia mais de cem doenças que contam com uma característica em comum – o crescimento anormal de células. A unificação dessas variadas manifestações da doença sob a mesma designação decorre, em parte, de um aspecto cultural e político, pois elas compartilham o mesmo estigma e uma história inspirada em uma metáfora bélica. Afinal, é sempre mais fácil lutar contra um inimigo único. Trata-se de uma história de enfrentamento de um inimigo poderoso, o “*imperador de todos os males, o rei dos terrores*” (p. 14), como escreve um cirurgião do Século XIX, cuja citação Mukherjee utiliza para intitular sua obra. O livro busca responder à inquietante pergunta sobre a pos-

sibilidade de que algum dia essa doença tão poderosa possa ser erradicada.

A marca do oncologista se revela no destaque concedido às pesquisas referentes às drogas quimioterápicas e à menção quase idealizada daquele que é considerado o pai da quimioterapia moderna: Sidney Farber. Outro personagem enaltecido é Mary Lasker, socialite de Manhattan que se associou a Farber nos anos 1950, empreendendo com ele uma cruzada contra o câncer.

A pesquisa de Farber para o tratamento da leucemia foi o primeiro dado selecionado para narrar a história do câncer. Essa é a doença de Carla Reed, paciente de Mukherjee apresentada no prólogo, cujo percurso do tratamento acompanhamos ao longo do livro até o seu desfecho. Assim, o início da narrativa não coincide com a cronologia histórica do conhecimento sobre a doença, que remonta a milênios. Segundo o autor, pensamos no câncer como doença moderna porque suas metáforas de superprodução, crescimento irrefreável e descontrole o caracterizam nos dias atuais. Ele é uma patologia do excesso e “*morrer, mais do que morte, define a doença*” (p. 58).

A narrativa percorre a história da Medicina, mas não é como historiador da ciência médica que Mukherjee escreve. Podemos, no entanto, acompanhar em seu relato as mudanças nos paradigmas do conhecimento sobre saúde e doença, desde a concepção hipocrático-galênica dos humores, passando pela anatomoclínica, o discurso do risco, até a genômica contemporânea.

Nesse percurso, desenvolveu-se o tripé que até hoje compõe a base do tratamento para o câncer: cirurgia, radioterapia e quimioterapia. A radicalidade marcou a história dessas técnicas, uma vez que se considerava que quase tudo era aceitável para enfrentar uma doença que levaria irremediavelmente à morte. O autor descreve o desenvolvimento de cada uma dessas técnicas e destaca que, em suas versões iniciais, elas eram usadas antes de serem conhecidos os seus efeitos e as causas da doença. Ao longo da história ampliou-se o conhecimento sobre o câncer e os tratamentos tornaram-se menos agressivos pelo aprimoramento das técnicas originais e pelas novas tecnologias agregadas.

Os aspectos culturais e sociais relacionados à doença também ganham destaque na obra. Mukherjee observa que “*uma doença precisa ser transformada politicamente antes de ser transformada cientificamente*” (p. 127). Os capítulos que compõem a segunda parte do livro tratam dessa transformação e de seu produto: a guerra contra o câncer. Suas batalhas ocorreram não apenas nos subsolos dos laboratórios, mas principalmente na mídia e no ativismo político. Na década de 1970, houve uma explosão de campanhas publicitárias, com ampla divulgação sobre a doença, que também se tornou tema de inúmeros filmes e peças literárias.

É possível observar ao longo da narrativa transformações nas formas como o ativismo norte-americano atuou no século passado e início do atual. Mukherjee descreve as associações de Farber com a filantropia

em busca de financiamento para as suas pesquisas nos anos 1950. Cerca de vinte anos depois, o ativismo exigia do Estado investimentos para a pesquisa e o tratamento da doença.

Outra transformação relevante refere-se à demanda por tratamento. No final da década de 1960, houve um movimento de mulheres intelectuais estadunidenses que se recusaram a realizar mastectomia radical e exigiram da classe médica pesquisas que comprovassem ser este o melhor tratamento para o câncer de mama. Diferentemente da demanda por menor intervenção, nas décadas de 1980/1990, na esteira do ativismo da AIDS, pacientes exigiam, por meio judicial ou por lobby político, sua inclusão em tratamentos ainda experimentais, a exemplo do que ocorreu no caso do uso compassivo da droga Herceptin, conforme descreve o autor.

Podemos acompanhar no relato de Mukherjee as batalhas médica, jurídica e política em torno de um dos agentes carcinógenos mais reconhecidos: o cigarro. Esse aspecto está ligado a uma mudança na perspectiva da pesquisa e intervenção, em direção às ideias de risco, prevenção, diagnóstico precoce e políticas de rastreamento.

Contemporaneamente, a tentativa de conhecer o câncer com base na biologia básica e na busca por seus mecanismos fundamentais, conduziu a pesquisas moleculares e genéticas, que evidenciaram ser o câncer “*uma versão distorcida do nosso eu normal*”, título da parte V do livro.

Na sexta e última parte, o autor responde com um alento à pergunta que permeia toda a obra: é possível vencer o câncer? A resposta afirmativa está vinculada à ideia de prevenção e ao desenvolvimento das terapias moleculares e genéticas, assim como ao tratamento de sua virtualidade pela mesma via. Essa esperança, no entanto, não é acessível a todos. Os custos dessas tecnologias são extremamente altos e acirram ainda mais as desigualdades em saúde.

A leitura do livro nos instiga a pensar a doença como um complexo no qual os aspectos biológicos, simbólicos, culturais, sociais e econômicos estão intimamente imbricados e constituem esse personagem a quem chamamos de câncer.

Rosilene Souza Gomes
Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, Rio de Janeiro, Brasil.
rosilenegomespsi@gmail.com